

Workshop: **Fontes e Instituições**



Instituições religiosas, fábricas ou órgãos administrativos e políticos possuem regras de funcionamento que levam a produção de vários tipos documentais. Tais registros podem fornecer muitas informações sobre o perfil e as funções desses organismos, mas podem ser muito úteis para estudos de questões da história social e cultural. Esse workshop tem o objetivo de discutir os princípios geradores dessas fontes e os desafios metodológicos enfrentados pelo historiador ao lidar com esses documentos para focalizar sujeitos sociais específicos ou aspectos do cotidiano e da cultura em diferentes temporalidades.

Coordenação: *José Curto, York U*

Crislayne G. M. Alfagali, UNICAMP - Fontes para a história do trabalho em África: a Fábrica de Ferro de Nova Oeiras (Angola, 1750-1800)

O objetivo desta apresentação é discutir as fontes a que podemos recorrer sobre a Fábrica de Ferro de Nova Oeiras e quais metodologias utilizar para analisá-las a partir de uma perspectiva que privilegie o ponto de vista africano nas mais variadas esferas sociais.

A documentação consultada é essencialmente oficial: são cartas, ofícios, patentes e petições que compõem a correspondência do governador Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho com o rei, os secretários do ultramar (em sua maioria dirigida a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1760-1769), com os intendentes das fábricas do ferro de Nova Oeiras e Novo em Belém, os capitães-mores da região de Angola, entre outros destinatários. Os documentos versam sobre o governo de Francisco de Sousa Coutinho, o incentivo à exploração de metais nos domínios portugueses e, em relação à fábrica de Nova Oeiras, trazem uma série de assuntos que interessam de perto a pesquisa para o doutorado. Aparentemente, as séries de fragmentos oficiais oferecem apenas a perspectiva metropolitana ou de seus agentes coloniais. No entanto, realizando uma leitura cuidadosa de seus elementos é possível observar muitos aspectos sobre como os trabalhadores de diferentes origens e condições sociais viviam e se inseriam naquela sociedade. Assim, além da visão da metrópole e de autoridades portuguesas sobre a fábrica de ferro, seus trabalhadores, os conhecimentos da fundição de ferro, essa documentação também permite conhecer, em uma leitura a contrapelo, muitos aspectos dos mundos do trabalho e das experiências africanas naquele contexto específico.

Tracy Lopes, York U - Fontes sobre prisões em Luanda na segunda metade do século XIX

Antes do século XIX, a prisão foi utilizada para confinar os que aguardavam punição, incluindo multas, exílio, tortura e morte. Hoje a prisão figura como a punição mais comum para o crime. As razões para esta mudança têm sido extensivamente estudadas no contexto Europeu. No entanto, africanistas têm demonstrado pouco interesse neste assunto. Angola em particular oferece um terreno fértil para um estudo sobre as prisões. Os poucos trabalhos

que tratam do assunto têm-se limitado ao *Depósito Geral de Degredados*. Contudo, houve várias prisões em Luanda, algumas que antecederam o *depósito* e muitas que foram usadas para punir escravos durante um período caracterizado pela “morte lenta da escravidão”. De acordo com o *Boletim Oficial do Governo da Província de Angola*, gazeta semanal de Luanda, entre 1857 e 1878 a maioria dos escravos foram presos a pedido de seus senhores. O *Boletim Oficial* é apenas uma das fontes que apresenta dados importantes sobre a prisão e punição em geral. Este artigo aborda os desafios metodológicos para este estudo e examina as fontes existentes que podem oferecer uma melhor compreensão do papel da prisão em Angola.

Frank J. Luce, York U - Missionários canadenses, congregacionalistas angolanos e a luta armada no planalto: fontes para a pesquisa.

Os missionários canadenses atuaram no planalto central de Angola entre 1886 e 1975, em parceria com a Igreja Congregacional dos Estados Unidos e, desde 1957, com a igreja angolana conhecida como CIEAC (agora IECA). Minha pesquisa focaliza o período 1961-1975 e diz respeito à relação entre a CIEAC, o trabalho forçado e luta armada. Documentos relativos à missão conjunta, ao CIEAC e a missionários canadenses individuais foram encontrados no arquivo da United Church of Canada (Igreja Unida do Canadá), em Toronto, e nos Arquivos da Biblioteca Burke, da Universidade de Columbia. O Royal Ontario Museum abriga uma coleção de artefatos doados por famílias de missionários canadenses. Os fundos da PIDE, na Torre de Tombo (Lisboa), contêm relatórios sobre as atividades “subversivas” dos líderes eclesiásticos canadenses e angolanos, incluindo várias “confissões” escritas. Outros estudiosos indicam que o Arquivo Nacional, em Luanda, guarda várias caixas de documentos relevantes sobre as igrejas, apesar de eu ainda não ter localizado o arquivo do Instituto do Trabalho do período colonial, que tratava do trabalho forçado. Documentos relativos à abolição do trabalho forçado podem ser encontrados na biblioteca da OIT, em Genebra, e no arquivo do Conselho Mundial de Igrejas. O Instituto Tubman detém o arquivo do TCLSAC, um comitê de apoio à libertação co-fundado por um missionário canadense.

Minha proposta se concentra em questões relativas à interpretação dessas fontes, incluindo a finalidade para a qual foram gerados os documentos da Igreja, bem como o viés tendencioso inerente aos relatórios e aos métodos de interrogatório da PIDE.

Carlos Almeida, ICT - “Ajustar à forma do viver cristão”: Missão católica e resistências em terras africanas

O cristianismo constitui uma das principais marcas da presença europeia no espaço cultural da África Central. O baptismo do soberano de Mbanza Kongo, ocorrido em 1491, marca o início de uma relação longa e complexa que deixou marcas impressivas na dinâmica histórica daquelas sociedades. Ao longo dos séculos, símbolos, rituais, práticas cerimoniais foram incorporadas em diferentes contextos e momentos ao ponto de alguns autores falarem de um “cristianismo africano” para designar o universo religioso assim constituído. Todavia, só com dificuldade tal noção pode abarcar as múltiplas dimensões deste processo, seja do ponto de vista das cosmologias africanas, seja do ponto de vista do esforço de expansão pós-tridentina do cristianismo. Neste quadro, a produção textual missionária constitui uma fonte privilegiada para avaliar as modalidades do processo de evangelização, em especial a partir de meados do séc. XVI, mas também o modo como aquelas sociedades responderam à sua acção. De entre a apreciável massa documental produzida, pouca

atenção tem sido dada a um conjunto de três guias para a acção missionária em terras africanas, elaborados por diferentes religiosos da ordem dos frades menores capuchinhos que passaram pela região em apreço, entre o último quartel do séc. XVII e meados do séc. XVIII. A sua análise, sempre cotejada com as inúmeros relatos escritos pelos missionários, permite reconstituir o programa de evangelização em terras africanas e o pensamento antropológico que lhe subjaz, mas, sobretudo, fazer luz sobre o dinamismo das sociedades africanas e os problemas e resistências levantados à proposta católica.

Abubacar Fofana Leon, York U - Fronteiras do tráfico escravo: registros históricos, fontes dispersas e os recentes debates historiográficos sobre os “moçambiques” no Mundo Atlântico

As histórias da escravidão em Moçambique e do comércio de escravos no Canal de Moçambique, no contexto do Oceano Índico, têm atraído a atenção dos estudiosos ao longo das duas últimas décadas. Apesar das análises históricas e antropológicas desenvolvidas, muitos aspectos da história social e económica de Moçambique no âmbito do comércio de escravos ainda requerem atenção. Este artigo analisa criticamente a pesquisa realizada por historiadores da escravidão e do tráfico de escravos no Canal de Moçambique, com vistas a abordar a parte desse comércio que foi para o Mundo Atlântico e, particularmente, que chegou até o Caribe. Enquanto o primeiro tem sido objeto de algum debate, este último ainda não foi suficientemente estudado. Este trabalho analisa os últimos debates historiográficos sobre a presença de pessoas escravizadas, especificamente “moçambiques”, que foram levados das regiões do Sudeste da África para o Mundo Atlântico, e aqueles enviados para o Caribe, onde sua presença e contribuições são pouco pesquisadas. Ao fazer isso, o presente trabalho pretende analisar um tema que requer mais atenção dos estudiosos no âmbito das histórias do comércio de escravos em Moçambique e no Canal de Moçambique e as suas ligações com o mundo do Atlântico, em geral, e no Caribe, em particular.